

Caribe

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA

BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

NOVA SÉRIE

BELEM — PARÁ — BRASIL

ANTROPOLOGIA

N.º 39

18, JUNHO, 1969

ASPECTOS DAS RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE
OS YANOMAMÔ DO RIO CATRIMÂNI

EDSON SOARES DINIZ (*)

Museu Goeldi

INTRODUÇÃO

Esta breve comunicação (1) se refere aos Yanomamô do médio rio Catrimâni, no sudoeste do Território Federal de Roraima. O Catrimâni é um dos afluentes da margem direita do rio Branco, cuja bacia é a principal do extremo norte brasileiro. Uma de suas características é o elevado número de corredeiras. Estas impedem a navegação no período seco e a dificultam grandemente, mesmo em pequenas embarcações, durante a cheia. A área do rio Catrimâni, como todo o sul e o oeste do Território, é recoberta pela densa floresta hileiana, participa assim das variáveis ecológicas próprias desse tipo de vegetação. Os grupos tribais que aí habitam iniciam, de modo mais confiante, seus contatos com os civilizados, principalmente com a recém-instalada missão católica. A povoação rural mais próxima, a "vila" Catrimâni, fica na embocadura do rio, nas adjacências do rio Branco.

Nossa permanência no campo se prolongou de 7 de novembro de 1967 a 19 de janeiro de 1968, distribuída entre dois grupos-locais: *Uakataütêri* ou aldeia da Missão e *Kaxibitêri*. Contatamos ainda com indivíduos de três outras aldeias, os quais foram à Missão trabalhar no serviço de alargamento da pista de pouso e, em troca, receber ferramentas e mais alguns outros bens manufaturados.

(*) — Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas.

Col 1
Co.

Além disso também obtivemos informes, de modo indireto, sobre três grupos-locais vizinhos da Missão Catrimani (vide mapa). Nesta área, os Yanomamö (2) são identificados como *Jauari*, *Xirixiãna* e *Waiká* (3).

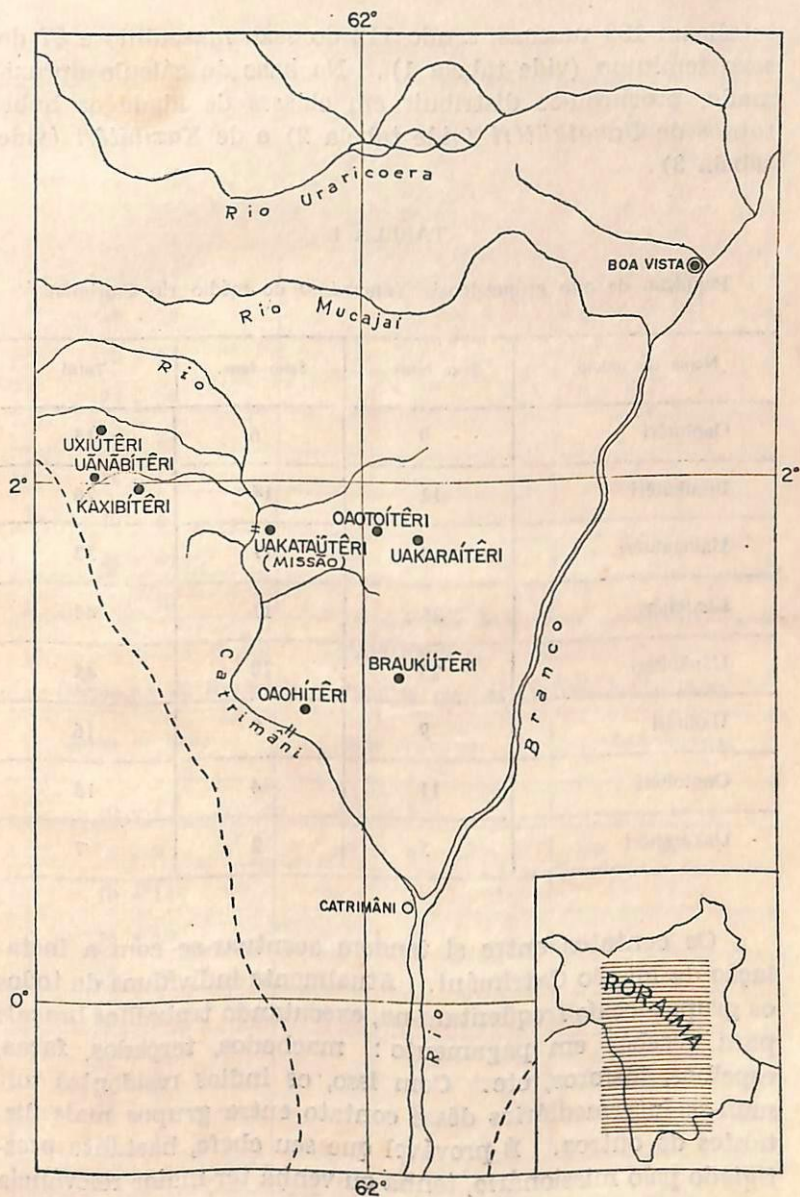
A execução da tarefa etnográfica foi sensivelmente restringida pela falta do manejo da língua indígena. Na aldeia *Uakataütêri* apenas três informantes se distinguiram, sendo dois homens e uma jovem. Os dois primeiros sabem alguns vocábulos da língua portuguesa e a terceira sabe expressar-se de modo mais satisfatório no vernáculo. Trata-se de uma pauxiãna, a qual morou alguns meses em Boa Vista, capital do Território, onde vivia maritalmente com um peruano. Em *Kaxibítêri* um rapaz se destacou na averiguação dos informes fornecidos por um daqueles informantes da aldeia da Missão, o qual nos acompanhou na viagem e conosco aí permaneceu durante um mês.

Na aldeia *Uakataütêri* todos os indivíduos do sexo masculino têm apelidos em português, em *Kaxibítêri* quase todos. Esse fato facilitou, de certo modo, o estabelecimento das conexões genealógicas entre seus parentes vivos. Facilidade considerável, visto haver tabu de nomes pessoais.

OS GRUPOS-LOCAIS

Como já foi dito acima as observações diretas se referem apenas a dois grupos-locais, embora os informes obtidos englobem oito, a saber: *Oaohítêri* (dois grupos domésticos isolados entre si); *Brakükítêri* (um grupo doméstico); *Uakataütêri* (sete grupos domésticos reunidos, junto à Missão (4); *Kaxibítêri* (três grupos domésticos reunidos) (5); *Uānābítêri* (quatro grupos domésticos, isolados entre si) (6); *Uxiütêri* (um grupo doméstico) (7); *Oaotoitêri* (um grupo doméstico) e *Uakaraitêri* (um grupo doméstico).

Com exceção dos dois últimos que são identificados como *Pauxiãna* (8), da família lingüística karíb, os demais são da família lingüística yanomamö. Os oito aldeamentos citados



Localização dos grupos-locais

totalizam 199 pessoas, sendo 112 do sexo masculino e 87 do sexo feminino (vide tabela 1). Na base de cálculo aproximado, procurou-se distribuir em classes de idade os habitantes de *Uakataütêri* (vide tabela 2) e de *Kaxibítêri* (vide tabela 3).

TABELA 1

População de oito grupos-locais Yanomamô do médio rio Catrimâni

Nome da aldeia	Sexo masc.	Sexo fem.	Total
Oaohítêri	9	6	15
Braukütêri	12	14	26
Uakataütêri	15	17	32
Kaxibítêri	26	17	43
Uãñbítêri	25	20	45
Uxiütêri	9	7	16
Oaotoítêri	11	4	15
Uakaraítêri	5	2	7

Os contatos entre si tendem acentuar-se com a instalação da Missão Catrimâni. Atualmente indivíduos de todos os grupos-locais freqüentam-na, executando trabalhos braçais para receber em pagamento: machados, terçados, faças, espelhos, fósforos, etc. Com isso, os índios residentes tornam-se intermediários dêsse contato entre grupos mais distantes de outros. É provável que seu chefe, bastante prestigiado pelo missionário, tenha ou venha ter maior relevância sobre os demais dos grupos-locais vizinhos.

TABELA 2

População de Uakataütêri, distribuída por sexo e classes de idade

Classes de idade	Sexo masculino	Sexo feminino
0 - 4	2	2
5 - 9	2	5
10 - 14	2	1
15 - 19	3	2
20 - 24	1	1
25 - 29	2	2
30 - 34	—	—
35 - 39	—	2
40 - 44	3	1
45 - 49	—	—
+ 50	—	—

TABELA 3

População de Kaxibítêri, distribuída por sexo e classes de idade.

Classes de idade	Sexo masculino	Sexo feminino
0 - 4	3	1
5 - 9	9	3
10 - 14	4	1
15 - 19	2	2
20 - 24	—	—
25 - 29	—	—
30 - 34	1	2
35 - 39	—	2
40 - 44	1	5
45 - 49	4	—
+ 50	2	1

No que diz respeito aos contatos com *civilizados* sabe-se que no período de setembro de 1929 a fevereiro de 1930, o brasileiro de descendência suíça Georges Salathé e o zoólogo húngaro Carl Lako, visitaram o Catrimâni e estiveram na aldeia do igarapé Jandiá, de um grupo Yanomamö expulso da serra Parima pelos Paraityrís. O padre Alcuin Mayer, componente da expedição de Salathé refere os Karimé (Carim, Carina, Calina), cujo nome se relacionava com o nome de seu chefe Canina (Kaniña) do igarapé Jandiá, cujo nome cristão era Simão. Sua aldeia tinha 23 habitantes. Mayer recebeu informações da existência de várias malocas no igarapé "Chiriana". Porém, Desmond Holdridge subiu o Catrimâni em 1932 e não encontrou mais nenhuma. Em outubro do mesmo ano Holdridge encontrou no rio Demini (igarapé Kuruvité) uma aldeia waiká, aparentemente idêntica à dos Waiká que Salathé menciona no Catrimâni (cf. Zerreis, 1964 :10-11). Nosso melhor informante, Pedro, habitante da aldeia da Missão, referiu que o nome de seu pai era Simão, provavelmente o mesmo a que se refere o padre Mayer. Consta que pela década de 1930 teria havido um massacre de índios Yanomamö, por alguns balateiros. Estes, devido àquela chacina evitaram de subir o rio, temerosos de uma represália dos índios. Somente a partir de 1960 as relações interétnicas foram reiniciadas, de modo direto, por intermédio de um balateiro de nome Pacheco. Este se entendeu com os habitantes da aldeia *Kaxibitêri*, prometendo-lhes que no ano seguinte voltaria e lhes traria muitas ferramentas. De fato voltou, porém chegou fora do prazo ao local marcado para o encontro. Os índios não o esperaram. Pacheco e o padre Bindo dirigiram-se à aldeia *Kaxibitêri*, distante das margens do Catrimâni três dias de viagem mato a dentro. Estava deserta. Pacheco deixou as ferramentas prometidas. Em 1962 ele e outros balateiros voltaram ao Catrimâni e extraíram balata. Nesse ano o padre Bindo contactou com os Yanomamö (Waiká) da aldeia *Oaohitêri*. Finalmente, em fins de novembro de 1965 os padres Calleri

e Bindo chegavam ao médio rio Catrimâni, à altura da corredeira Cujubim. Logo iniciavam a abertura da pista de pouso para avionetas, a qual seria fundamental apoio à missão a ser fundada. Os primeiros colaboradores foram os *Pauxiãna* e, logo em seguida, os *Jauari* (9), estes constituem atualmente o grupo-local da Missão. Em 1967 alguns bala-teiros estiveram na área do Catrimâni, mas o padre João Calleri foi autorizado pela Fundação Nacional do Índio, então Serviço de Proteção aos Índios, a impedir a entrada de *civilizados* a partir da primeira corredeira de subida, a Piranteira, sem prévio consentimento.

ASPECTOS DA ERGOLOGIA

Antes de abordar o assunto central destas notas, apresentaremos alguns aspectos da ergologia dos indígenas aqui referidos. A indumentária masculina é constituída de um fio na cintura, em cujas pontas amarram o pênis, pelo prepúcio; ocasionalmente usam um grosso cinto de fios de algodão, tingidos de urucu. Alguns homens têm furos auriculares e no centro do lábio inferior. As mulheres usam uma sumária tanga de fios de algodão tingidos de urucu, tendo a parte anterior em forma de um diminuto avental de numerosos fios e a parte posterior como um cinto semelhante ao usado pelos homens. As mulheres têm furos auriculares, no septo nasal, no centro do lábio inferior e nos ângulos da boca. Nêles introduzem hastilhas, penas de aves ou flores silvestres. Ambos os sexos não se depilam, usam cabelos curtos e, geralmente, uma tonsura no alto da cabeça. Ambos os sexos pintam-se com tinta de urucu, usam braçadeiras de fios de algodão tingidos de urucu e mantêm constantemente na boca, entre os dentes e o lábio inferior, um rôlo de folhas de tabaco, salpicadas de cinza. As mulheres, além da tinta de urucu empregam em suas pinturas corporais a tinta obtida de tigna de carvão e uma outra, de côr roxa, extraída de um fruto semelhante à cuia. As jovens costumam usar uma

longa volta de fios de algodão tingidos de urucu, envolvendo o pescoço, passando por baixo dos braços e na separação dos seios (10).

As casas podem ser de largas dimensões, oblongas; menores, com base tendendo para ovóide e cobertura de duas águas, uma transpassando a outra; de uma água (vimos apenas um exemplar deste tipo); e o abrigo-de-viagem, de forma triangular, o qual é apenas coberto. Neste empregam fôlhas de bananeira do mato e nos demais tipos a palha de ubim. As rêdes (de algodão, de entrecasca de árvore ou de cipó) são armadas em triângulo, com o fogo no centro, tendo os jiraus, quase sempre sôbre as rêdes, também a forma triangular (11).

A subsistência consiste em produtos de horticultura, caça, pesca e coleta. Em suas roças plantam diversas espécies de bananas, mandioca, macaxeira, batata-doce, taioba, cará, cana-de-açúcar, algodão, tabaco, etc. A banana é o principal alimento cotidiano (12). As roças são unidas, sem nenhuma separação visível, porém é dividida em setores de acôrdo com seus proprietários, os quais são referidos quando se indaga sôbre o assunto. Desconhecem o fabrico da farinha de mandioca, mas usam beiju, o qual é cozinhado em uma pequena chapa de barro; após ralar a mandioca, é expremida em uma pequena esteira, a qual é enrolada e apertada nas mãos; o tucupí não é aproveitado. A pesca é feita nos igarapés, onde a traíra é o peixe mais encontrado, além de outros menores. Nos igarapés usam veneno principalmente e nos rios arco e flecha. Atualmente, após o contato com a Missão Catrimâni, estão usando anzol e linha de *nylon*. A caça é feita com arco e flecha e inclui, entre os mais comuns: cuatá, veado, anta, kujubim, mutum, jacu, etc. A coleta abrange o açaí, a bacaba, o inajá, o patauá, o mel de abelhas, etc. Os produtos da caça são cozinhados em panelas de barro; os peixes são preferentemente assados envoltos em fôlhas de bananeira. Bananas são comidas *in natura* ou em forma de mingau quando sazoadas e assadas

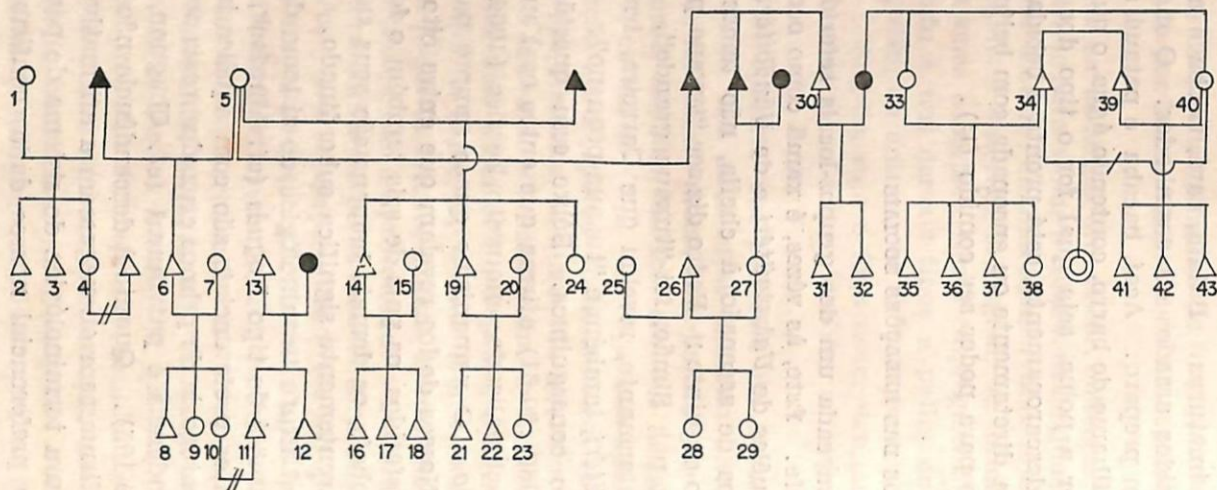
quando imaturas. Batata, cará, taioba e macaxeira podem ser comidos assados ou cozinhados. O mel é comido sem nenhum preparo. Açaí, bacaba e pataúá são colocados em um vasilhame de barro, contendo água, o qual é aquecido até amolecer a polpa, seja qual for o tipo dos frutos referidos, feito o descaroçamento, está pronta a bebida. Esta pode ser ingerida diretamente ou ensopada com beiju. O inajá é cozinhado para poder ser comido (13).

ASPECTOS DAS RELAÇÕES SOCIAIS

Para cada um dos grupos-locais referidos, foi apontado um chefe. Este, às vezes, é xamã como ocorre por exemplo com aqueles de *Uakataütêri* e de *Uânābitêri*. Sobre os mecanismos de ascensão à chefia, não temos dados seguros. Temos o seguinte: Pedro diz ser "tuxaua pequeno" e revela que seu pai, Simão, foi "tuxaua grande". Ele, nosso principal informante, revelou que Carreira, irmão do chefe de *Uakataütêri*, também é "tuxaua pequeno". Outras informações não conseguimos. Sobre essa questão Becher (1959 :100; 1960 :60-61) afirma que entre os Yanomamö a chefia é institucionalizada, enquanto Zerries (1964 :191) revela o contrário. O xamanismo quase sempre passa de pai para filho. Nossos dados revelam que entre oito xamãs que nos foram referidos, os pais de seis também o foram. Em relação ao chefe, os demais homens são seus *surara* (14), termo que aparentemente significa subordinado.

A estrutura terminológica do sistema de parentesco dos Yanomamö é do tipo *Iroquês* (cf. Murdock, 1966 :223). Os casamentos preferenciais são com aqueles indivíduos incluídos na categoria de primos cruzados, reais ou classificatórios. A descendência é patrilineal (cf. Chagnon, 1966 :81-82, 84, 89, 116 e 195). Quanto à descendência não obtivemos dados que confirmassem ou negassem a afirmativa, porém quanto à estrutura terminológica do sistema de parentesco e ao casamento preferencial nossos dados confirmam, embora nos

GENEALOGIA I

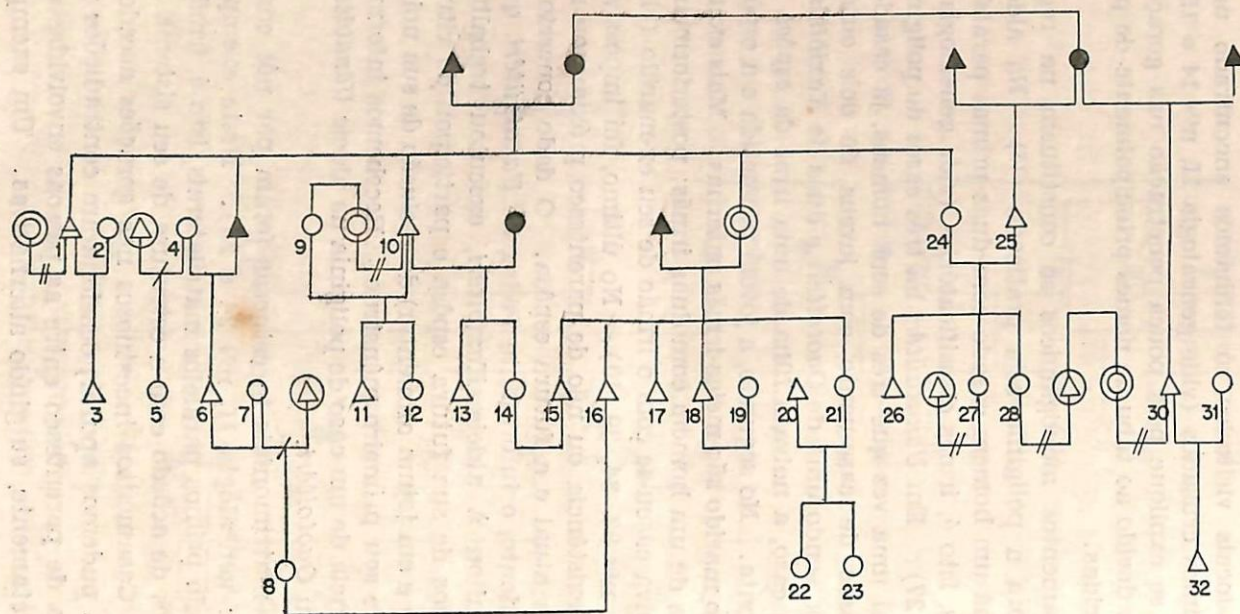


dois grupos-locais visitados só tenhamos encontrado uma união de primos cruzados (vide genealogia II, nºs 14 e 15). Talvez isso se explique pela pouca penetração nas gerações ascendentes devido ao tabu de nomes principalmente de pessoas já falecidas.

Os casamentos monogâmicos se constituem na regra geral, embora a poliginia seja praticada (15). Na aldeia *Kaxibitêri* há um homem casado com duas primas paralelas patrilineares, isto é, irmãs classificatórias (vide genealogia I, nºs 25, 26 e 27). Em *Uakataitêri* há três casos de poliginia em potencial uma vez que três de seus homens, já casados, têm promessas de casamento com jovens de dois outros grupos-locais, sendo uma de *Oaotoitêri* e duas de *Kaxibitêri*. No primeiro caso, a noiva é filha de uma irmã da esposa de seu pretendente. No segundo, a jovem prometida e a esposa de seu futuro marido são meias-irmãs paternas. Mais exatamente, filhas de um homem com duas irmãs; posteriormente a mãe da noiva casou-se com o irmão de seu ex-marido (vide genealogia I, nºs 33, 34, 39, 40). No último, foi impossível conseguir a existência ou não de parentesco próximo ou remoto entre a atual e a futura esposa. O dado concreto é que o pretendente, o informante Pedro, de *Uakataitêri*, que nos acompanhou à aldeia *Kaxibitêri*, executou trabalhos para os irmãos de sua futura esposa e participou do ritual (ficar deitado e em jejum alimentar) de reclusão de sua noiva por motivo de seu primeiro mês-truô. Recebemos informação da existência de um caso de poliginia na aldeia *Uanābitêri* e de outro em *Oaotoitêri*.

Alianças matrimoniais incestuosas foram por nós constatadas (vide genealogia II, nºs 24 e 25). Neste exemplo os cônjuges são primos paralelos matrilineares, isto é, irmãos classificatórios de acordo com a estrutura de seu sistema de parentesco. Casamentos incestuosos nas gerações ascendentes, até onde pudemos apurar, ocasionaram contradições na nomenclatura de parentesco entre as pessoas envolvidas direta ou indiretamente, surgindo alternativas. Um exemplo

GENEALOGIA 2



▲ FALECIDOS

○ HAB. OUTRAS ALDEIAS

△ CHEFE

— CASAMENTO

— FILIAÇÃO

// PROMESSA DE CASAMENTO

/- DIVÓRCIO

disto pode ser visto (vide genealogia II, nºs 1 e 10) no caso em que dois homens, irmãos verdadeiros, são primos paralelos matrilineais de outro (vide genealogia II, nº 30), ou seja, são irmãos classificatórios, porém os dois primeiros incluem o último na categoria de filho classificatório. Um outro exemplo de alternativa de categoria de parentesco, devido a casamento incestuoso, pode ser visto no caso acima referido (vide genealogia II, nºs 24 e 25), onde os irmãos verdadeiros (vide nºs 1 e 10) designam o marido de sua irmã como cunhado e não como irmão classificatório, como deveria ser, visto serem primos paralelos matrilineais. Por sinal, como pode ser facilmente verificado (vide genealogia II) o cunhado (nº 25) aqui referido, é meio-irmão materno daquele homem (nº 30) a quem os irmãos de sua mulher (nºs 1 e 10) chamam filho (16).

A troca de mulheres entre as aldeias existe entre todos os grupos-locais citados (vide mapa), estando a aliança matrimonial freqüente ou inexistente na razão direta da proximidade entre si. Citamos como exemplo, em que a reciprocidade é evidente, a promessa de casamento de um homem de *Uakataütêri* (vide genealogia II, nº 30) e uma jovem de *Kaxibîtêri* (vide genealogia I, nº 4) e, em contrapartida, a promessa de casamento do irmão desta (vide genealogia I, nº 2) com a filha classificatória (vide genealogia II, nº 28) do seu futuro cunhado, especificamente a filha do irmão dêste. Um outro exemplo, já referido anteriormente, pode ser aqui acrescentado. Trata-se do chefe da aldeia *Uakataütêri* (Missão) (vide genealogia II, nº 1) que tem promessa de casamento com uma menina (17) da aldeia *Oaotoitêri*, a qual é filha classificatória de sua esposa, exatamente a filha da irmã desta.

Os indivíduos relacionados como cunhados prestam serviços recíprocos. Tivemos oportunidade de observar que um rapaz da aldeia *Kaxibîtêri* (vide geologia I, nº 2) quando esteve em visita na aldeia *Uakataütêri* trabalhou na construção da casa do seu futuro cunhado (vide genealogia II,

nº 30) e, quando este nos acompanhou àquela aldeia, também trabalhou na construção do setor da maloca comunal sob a responsabilidade de seu cunhado em potencial (18).

A ocorrência de divórcio foi por nós constatada (19). Em *Kaxibitêri* tivemos notícia de um e em *Uakataütêri* de dois, todos eles aconteceram anos atrás. Porém, nesta última aldeia, houve uma separação quando de nossa permanência aí. Um homem foi flagrado pela sua esposa tendo ligação sexual com outra mulher, havendo um desentendimento entre o casal. O marido brigou com sua esposa, quebrou o espelho dela e ameaçou-lhe quebrar outros pertences que, cautelosamente, ela levou ao barracão da Missão para serem guardados. Em prantos, a esposa mudou-se para o tapiri em que estavam morando seu irmão, mulher e filho deste. Três dias depois todos se dirigiram à aldeia *Oaohitêri*, em companhia do grupo que estava trabalhando na Missão. O homem também saiu da Missão, indo para *Oaotoitêri*, grupo-local de onde é originário.

As relações sexuais extramaritais dividem-se em clandestinas e permitidas. As primeiras, como o próprio nome indica, são ocultas; as segundas têm o beneplácito dos cônjuges, porém desconhecemos os mecanismos que as regem. Uma e outras são praticadas entre os indivíduos de uma mesma aldeia ou entre os indivíduos de duas ou mais aldeias. Ambas as categorias são praticadas em *Uakataütêri* e em *Kaxibitêri*. Igualmente, as relações sexuais permitidas entre os indivíduos dessas duas aldeias ocorrem extensivamente, abrangendo o universo das pessoas adultas. Foi-nos possível registrar tôdas as pessoas envolvidas, inclusive um homem, o irmão do chefe da aldeia *Kaxibitêri*, o qual atemorizado à primeira vista, revelou o parceiro sexual de sua esposa o que não conseguimos de modo direto, em relação à esposa de nosso melhor informante. Ligações sexuais permitidas também ocorrem entre indivíduos da aldeia *Uakataütêri* e de *Oaohitêri*, fato que ficou comprovado quanto alguns elementos desta estiveram naquela, executando ser-

viços para a Missão. Entretanto, nem sempre essas relações extramaritais existem entre os componentes de duas aldeias. Este é o caso daqueles indivíduos de *Uñābítêri* e de *Uxiütêri* que embora tenham estado na Missão, não as praticaram. Aliás, enquanto haja intercassamentos entre si, pois são vizinhas, ambas não têm aliança matrimonial com *Uakataütêri*. Grande número de ligações sexuais extramaritais, nos dois grupos-locais visitados, são com as espôsas dos homens incluídos na categoria de irmão, real ou classificatório (20). Em *Uakataütêri* catalogamos nove e em *Kaxibítêri* seis, todos envolvidos nesse tipo de ligação. Porém, mesmo as ligações sexuais extramaritais permitidas, devem ser discretas. Isto ficou evidenciado pelos fatos que tivemos conhecimento e que ocorreram na aldeia *Uakataütêri*. Houve flagrante e embora os implicados fôssem irmãos dos maridos, as espôsas foram castigadas, uma com pauladas nas costas e outra com golpes de terçados nas pernas (21).

Em *Uakataütêri* foram apontados três homens que praticam a sodomia com suas espôsas. Dois indivíduos, um *Pauxiãna* e outro filho de mãe *Pauxiãna* e pai *Jauari* foram apontados como pederastas, sendo o primeiro casado, o tal que se divorciou quando de nossa estada, e o outro solteiro, xamã, com promessa de casamento nessa aldeia. Relações com cadelas também foram citadas (22). Carícias entre rapazes são observadas em público.

NOTAS

- (1) — A pesquisa de campo foi efetuada conjuntamente com Judith Shapiro, pós-graduada da Universidade de Columbia (New York), cuja colaboração profissional deve ser posta em destaque.

Aqui deixamos registrados nossos agradecimentos à Prelazia de Roraima, nas pessoas do Sr. Bispo Dom Servílio Comti e dos Srs. Padres Zinni, Bindo e Calleri; estendemos êsses agradecimentos aos Srs. Amorim, Francisco e Júlio, então funcionários da Missão Catrimãni, pela boa vontade em cooperar. Aos índios a nossa amizade, em especial aos nossos bons informantes Carreira, Capelão, Pedro e Tereza.

- (2) — “A Família Yanomami ou Xirianá, primeiramente considerada como isolada, e nas mais recentes classificações (Greenberg, 1960; Voegelín, 1965) como uma família do filo Macro-Chibcha, é com mais

- probabilidade um membro do grupo Karíb, na base de evidências lexicais e estruturais" (Migliazza, 1967 : 155-56).
- (3) — "Em realidade o termo "Waiká" não é auto-denominação, sendo usado pelos falantes da família Yanomami para designar um outro grupo da mesma família quando não simpatizam com êle... O termo tradicional Xirianá ou Xirixaná... era originariamente usado depreciativamente pelos Karíb para com os grupos Yanomami". Migliazza, 1967 : 159).
- No médio rio Catrimâni o termo Waiká parece não ser usado de modo depreciativo e sim o termo Parahúri.
- (4) — Quando de nossa chegada à Missão, a população dessa aldeia era de 38 pessoas, porém cerca de três semanas depois, 6 retiraram-se, sendo 4 do sexo masculino e 2 do sexo feminino.
- (5) — Em janeiro de 1968 estava em vias de conclusão uma gigantesca maloca, de forma oblonga, na qual os habitantes desse grupo-local iriam morar.
- (6) — Os quatro grupos domésticos, distantes um dia de viagem um do outro, segundo informações, têm a seguinte composição demográfica : 1.º) 18 pessoas, 11 do sexo masculino e 7 do sexo feminino; 2.º) 14 pessoas, 8 do sexo masculino e 6 do sexo feminino; 3.º) 9 pessoas, 4 do sexo masculino e 5 do sexo feminino; 4.º) 4 pessoas, 2 de cada sexo. A população desse grupo-local era acrescida de 3 pessoas do sexo masculino e 1 do sexo feminino, as quais faleceram em dezembro de 1967, vítimas de gripe.
- (7) — Essa aldeia possuía mais 3 pessoas do sexo masculino e 2 do sexo feminino, as quais faleceram em dezembro de 1967, vítimas de gripe.
- (8) — "Os Pauxiãna, antigos moradores do rio Catrimâni e do rio Branco, estão hoje extintos. O levantamento do rio Catrimâni localizou alguns descendentes dos Pauxiãna perto da boca do rio Catrimâni, os quais diziam falar somente a língua portuguesa. No rio Pacu, afluente da margem esquerda do médio Catrimâni, há uma maloca cujos moradores identificam-se como Pauxiãna. Porém, uma visita *in loco* revelou que falam somente a língua Yainoma (Yanomami). Tratam-se de três indivíduos, um pai e dois filhos, descendentes de Pauxiãna, casados com mulheres Yanomami, que para os "civilizados" não querem identificar-se como "Jawari", denominação externa dos Yanomami do médio Catrimâni" (Migliazza, 1967 : 166).
- (9) — Informações gentilmente fornecidas pelo Padre Bindo.
- (10) — Cf. Barker, 1953 : 453-55; Becher, 1960 : 27-43; Zerries, 1955 : 88; Zerries, 1964 : 103-24.
- (11) — Cf. Barker, 1953 : 457-58, 463-64; Becher, 1960 : 10-16, 45-49; Fuerst, 1967 : 103-13; Zerries, 1955 : 84, 87; Zerries, 1964 : 125-27, 167-75.
- (12) — Cf. Becher 1957 : 93; Becher, 1959 : 99-100.
- (13) — Cf. Barker, 1953 : 441-42, 444-46, 449-51, 457-58; Becher, 1960 : 75-85; Zerries, 1955 : 78-80, 86.
- (14) — O termo *surara* tem sido usado como identificação tribal. Cf. Becher, 1956; 1957; 1959; 1960.
- (15) — Cf. Barker, 1953 : 478; Becher, 1960 : 68; Chagnon, 1966 : 7; Migliazza, 1964 : 7; Zerries, 1964 : 194.
- (16) — A ocorrência de uniões incestuosas é referida para outros grupos Yanomamó, cf. Chagnon, 1966 : 64-67.

- (17) — Além deste caso, em *Uakataütêri* há dois casamentos com meninas, mas sem relações sexuais. Sobre casamento infantil, cf. Becher, 1960 : 66.
- (18) — Chagnon (1966 : 91-96) se reporta aos fortes laços que há entre um homem e o marido de sua irrmã e, também, as obrigações e deveres que têm entre si.
- (19) — Migliazza (1964 : 16) diz que no rio Uraricaá o divórcio é raro, sendo causado pela preguiça ou pela infidelidade da esposa. Esse autor registra apenas um divórcio para trinta e cinco casais.
- (20) — Becher (1960 : 68) revela que o irmão solteiro pode ter relações sexuais com a esposa do irmão mais velho.
- (21) — Becher (1960 : 68) refere que mulheres que cometem adultério são punidas. Chagnon (1966 : 67-69, 91-92) afirma que quando as relações sexuais extramaritais da mulher são descobertas, os parentes próximos do marido e do amante brigam, ocasionando frequentemente cisões de um grupo-local.
- (22) — Cf. Chagnon, 1966 : 61.
- (23) — Nas referências às obras em língua alemã nosso colega da Divisão de Antropologia, Protásio Frikel, muito nos ajudou.

SUMMARY

This paper deals with some ethnographic considerations about the Yanomamö Indians of the middle Catrimani River, in the southwest of the Federal Territory of Roraima (Brazil). The field work was made during the period between November 7, 1967 and January 19, 1968. Only two of the eight local groups cited (see map), were visited. They are *Uakataütêri* and *Karibitêri*. We had contact with individuals of three other settlements, but, most of the informations received about the six local groups not visited, were obtained by indirect means. Two of these latter are so-called Pau-xiâna, of the Carib family.

The ethnographic data here delineated involve these aspects :

1. The local groups (their names, their intragroup and interethnic intermitent contacts, and their respective populations).
2. The material life (indumentary, houses types and subsistence).
3. The social life (kinship relations, marriage, extra-marital sexual relations and sodomy).

BIBLIOGRAFIA CITADA

BARKER, JAMES

- 1953 — Memoria sobre la cultura de los Guaika. *Bol. Indig. Venezolano*, Caracas, 1(3-4) : 433-489.

BECHER, HANS

- 1956 — Tribos existentes entre o rio Catrimâni e o Rio Negro. *Rev. Antrop.*, S. Paulo, 4(2) : 158-159.
1957 — A importância da banana entre os índios Surára e Pakidái. *Rev. Antrop.*, S. Paulo, 5(2) : 192-194.
1959 — Algumas notas sobre a religião e a mitologia dos Surára. *Rev. Mus. Paulista*, n. ser., 11 : 99-107.
1960 — Die Surara und Pakidai. *Mitt. Fus. f. Völkerkunde*, Hamburg, 26, 133 p. il.

CHAGNON, NAPOLÉON ALPHONSEAU

- 1966 — "Yanomamö warfare social organization and marriage alliances" (Dissertation PhD Univ. Michigan) [Ms].

FUERST, RENÉ

- 1967 — Die Gemeinschaftswohnung der Xiriana am Rio Toototobi. *Z. f. Ethnol.*, Braunschweig, 92(1) : 103-13.

MIGLIAZZA, ERNESTO

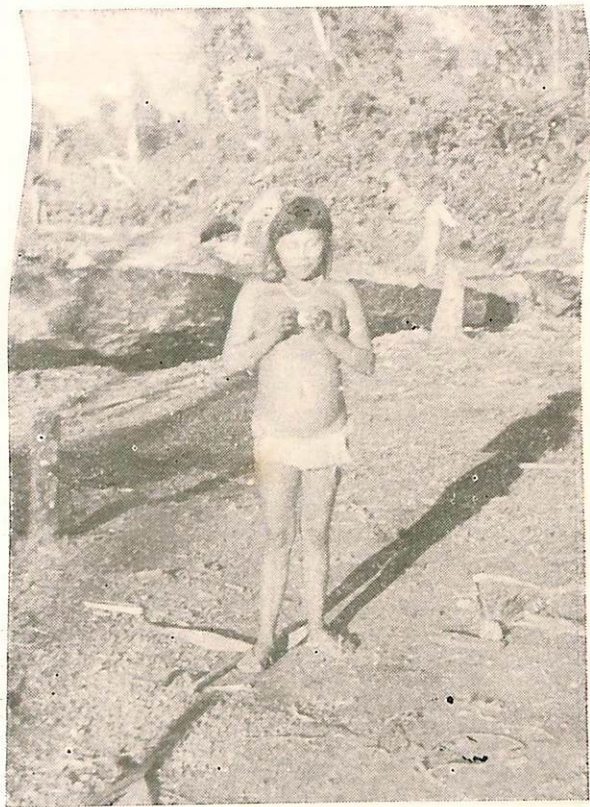
- 1964 — Notas sobre a organização social dos Xirianá do rio Uraricaá. *Bol. Mus. Pa. Emilio Goeldi*, Belém, n. ser., Antrop. 22, 19 p.
1967 — "Grupos lingüísticos do Território Federal de Roraima". In : *Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica*, Belém, 1966. ed. Herman Lent. Rio de Janeiro, Cons. Nac. Pesquisas, v. 2, Antrop p. 153-73 il.

MURDOCK, GEORGE PETER

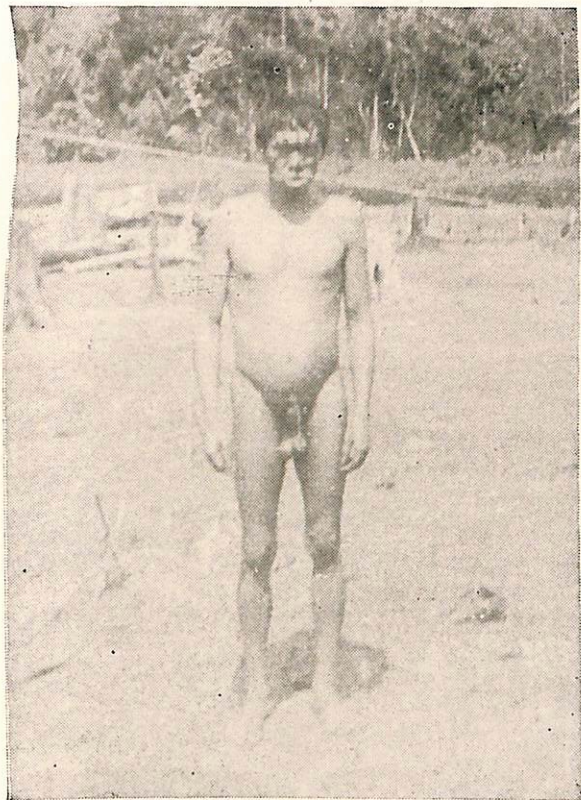
- 1966 — *Social structure*. New York, MacMillan. 387 p.

ZERRIES, OTTO

- 1955 — "Some aspects of Waika culture". In : *Anais do 31. Congresso Internacional de Americanistas*, S. Paulo, 1954. São Paulo Ed. Anhembi. v. 1 p. 73-88.
1964 — *Waika*. München. 312 p. 54 mapas.



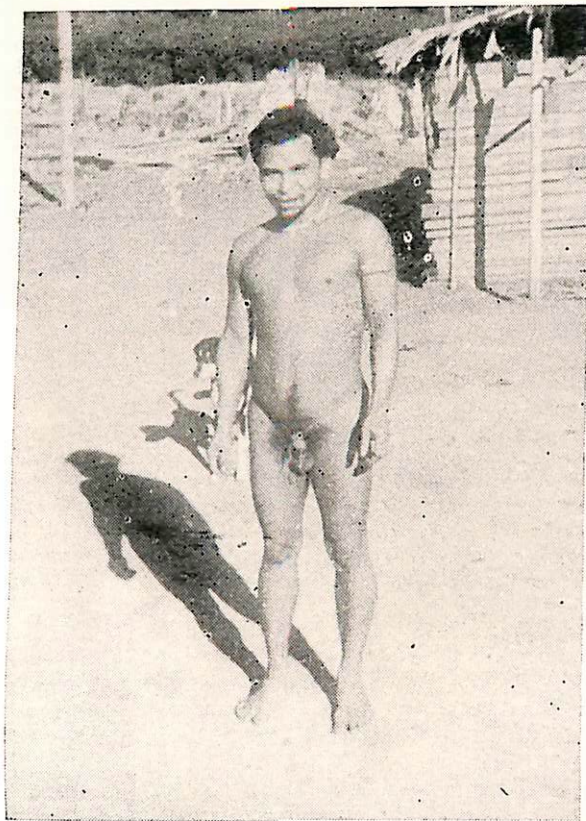
Tereza, índia Pauxiãna, moradora da Aldeia da Missão



Pedro, nosso principal informante



Menina com pintura corporal e tanga de algodão



Um tipo Yanomamö, baixo e forte



Mulher com pintura corporal e três talas nos furos labiais.



Tipo de casa da Aldeia da Missão